

**Renata Barreto  
Malta**

Graduada em Comunicação Social, doutora em Comunicação Social. Professora Substituta do Departamento de Comunicação da FAAC, Campus Bauru, SP, Brasil. Email: [renatamalta@hotmail.com](mailto:renatamalta@hotmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1997474001152725>

**Daniel Galindo**

Pós-Doutor pela faculdade de Comunicação e Ciências da Informação da Universidade Complutense de Madrid. Professor titular do Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo e professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP, Brasil. Email: [galindo@sti.com.br](mailto:galindo@sti.com.br). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1101827075498113>

## *Resenha/Entrevista*

### **“Entrevista ou bate papo? Apenas, momentos de reflexões com Derrick de Kerckchove”**

Submissão: 02/05/2014  
Decisão editorial: 20/05/2014

Kerckhove profetiza: Não haverá espaço para a não transparência nos negócios

**Derrick de Kerckhove**, Doutor em sociologia da arte e em língua e literatura francesa, canadense nascido na Bélgica, Diretor do “McLuhan Program in Culture and Technology” de 1983 a 2008, autor de diversos livros, entre eles, *A pele da cultura: Investigando a Nova Realidade Eletrônica* (Annablume, 2009), esteve no Brasil em outubro de 2013 a convite do Ecom – grupo de pesquisa sobre estudos de comunicação e mercado, sob a direção do prof. Dr. Daniel Galindo – como palestrante ilustre da III Conferência Brasileira de Estudos de Comunicação e Mercado, organizada pelo citado grupo de estudos, com o tema: “As Dimensões Humanas e Tecnológicas na comunicação de Mercado Contemporânea”. Em sua fala: “A Era do *tag*”, Kerckhove abordou a relação entre tecnologia e as mídias sociais em um contexto mercadológico. No dia anterior, Kerckhove havia participado de outro evento promovido pela Cátedra Unesco/Metodista de comunicação e o ECOM, o “IV colóquio Internacional de comunicação”, com o tema “Psicotecnologia e persona digital, o surgimento do eu online”. Em sua fala: “Tecnologia, o novo Tote-

mismo", Kerckhove afirma ser a tecnologia o caráter definidor da humanidade.

Durante a entrevista concedida à pesquisadora Dra. Renata Malta, membro do ECOM, entre alguns cafezinhos e uma acuidade temática invejável, Kerckhove se assume como pesquisador que deu continuidade ao trabalho de Marshall McLuhan, agregando a ele novas perspectivas. O senso de humor, a simplicidade e a coragem de dizer o que pensa fazem dele uma figura emblemática no campo da sociologia. Com muita leveza, ele não tem medo de determinismos tecnológicos e das críticas por parte de autores que, segundo ele, não entendem o seu trabalho, assim como não entendiam as propostas de seu mestre. O autor explicita a importância de um entendimento acurado acerca da psicotecnologia, ou seja, como a tecnologia dá forma à linguagem e altera o curso da sociedade. Suas ponderações e exemplos atuais retratam uma postura cética, porém não fatalista, e prevê o futuro dos negócios baseado na transparência.

**Renata Malta** – No Segundo semestre de 2012 eu estive no Canadá para realizar parte do meu programa de doutorado na Universidade de Carleton, em Ottawa, e pude observar a importância do seu trabalho para esse país. Entretanto, também percebi uma postura um tanto crítica em relação aos estudos desenvolvidos por McLuhan, os quais o senhor continuou.

**Kerckhove** – Algumas pessoas acreditam que o que eu faço não é suficientemente científico. Quanto ao McLuhan, eu não conheci ninguém mais acadêmico do que ele. No entanto, ele não se importava em não seguir o método tradicional que a academia im-

punha. Para ele, esse modelo ignorava a percepção, não se preocupava com os efeitos. Ele dizia que os ditos “acadêmicos” viviam no passado, não tinham a menor ideia do que estava em processo e muito menos acerca do porvir. É por isso que McLuhan sempre apoiou os artistas, muito mais perceptivos. Eu tenho provas concretas de bibliotecas inteiras, enormes, cobertas de livros, e cada um deles com anotações de Marshall. Ele fazia o trabalho acadêmico de forma admirável. A questão é que ele se negava a apresentá-lo do modo tradicional exigido pela academia. Ele dizia: “eu posso perfeitamente escrever no estilo acadêmico, mas eu escolho não fazê-lo porque isso destruiria minha imaginação”.

**Renata Malta** – O senhor concorda que a academia tolhe a criatividade e impõe regras as quais devem ser questionadas?

**Kerckhove** – Totalmente! Eu mesmo sofro constantemente o dilema entre a escrita acadêmica e a não acadêmica e devo confessar que no momento em que opto pelo estilo acadêmico fico entediado.

**Renata Malta** – Bem, nesse período no Canadá, frequentei seminários e me lembro que ao estudar o legado de McLuhan o seu nome era citado como um pesquisador que continuou os estudos de McLuhan, agregando a eles outras perspectivas. O senhor concorda com essa definição sobre o seu trabalho?

**Kerckhove** – Modestamente, eu concordo. No entanto, deixe-me pontuar duas coisas que não foram ditas. A primeira se refere às percepções de McLuhan. Ele podia prever o porvir o tempo todo, ele era absolutamente fenomenal. Eu poderia passar essa conversa

inteira falando de como ele era fenomenal com intermináveis exemplos. Sem dúvida ele via coisas que eu não vejo e muitas das que eu vejo advém daquelas que ele via, entende? Portanto, trata-se sim de continuidade, mas eu não tenho a genialidade que ele tinha. A segunda coisa, a qual é ainda mais importante, diz respeito ao senso de humor. McLuhan amava rir e nunca se levou a sério. Ele sempre tinha algo engraçado para dizer. Mais de uma vez ele disse que todo o seu trabalho não passava de uma sátira, não de um modo negativo, mas ele achava tudo muito divertido. Eu amava esse homem, ele era fantástico.

**Renata Malta** – Desculpe discordar com o senhor, mas em apenas alguns minutos de conversa já pude observar o modo leve com o qual conduz seu trabalho e, sim, um incrível senso de humor.

**Kerckhove** – Bem, sim eu tenho senso de humor, ou pelo menos tento, mas o que eu quis dizer é que eu não tenho esse brilhantismo, esse humor satírico e oportunista que McLuhan tinha de dizer a coisa engraçada no momento exato.

**Renata Malta** – Provavelmente porque ele estava além de nós, sua forma de ver o mundo era diferente. Pelo menos como leitora de parte de sua obra, essa é a percepção que tenho.

**Kerckhove** – Doug Coupland, autor de “Geração X”, escreveu um livro sobre McLuhan e ele utiliza o termo “Planeta Marshall”. E Marshall era “Planeta Marshall”. Temos registro de um momento, gravado pela televisão, em que no casamento de sua primeira filha ele discutia teoria. Eu quero dizer, um evento de família importante acontecendo e ele perdido no “Planeta Marshall”.

**Renata Malta** – Quando iniciamos essa entrevista eu perguntei se o senhor concordava que o seu trabalho é uma continuidade dos estudos realizados por McLuhan e o senhor disse que sim. Podemos afirmar que o conceito de psicotecnologia é uma nova perspectiva alicerçada nos apontamentos de Marshall, uma vez que ele se refere à interação entre tecnologia e a psico humana?

**Kerckhove** – Posso ser mais preciso? É muito importante que esse conceito seja aclarado. Fundamentalmente as psicotecnologias são as ferramentas. Um celular, um computador, o seu corpo são psicotecnologias. O conceito é baseado no fato de que toda vez que um sistema de suporte diferente é inventado, a psicologia do seu usuário se transforma. É uma teoria baseada na linguagem, na relação entre tecnologia e psicologia via linguagem.

**Renata Malta** – E como lidamos com essa relação entre linguagem e tecnologia?

**Kerckhove** – Nós temos três grandes momentos que explicitam essa relação: o corpo por si só carrega linguagem, trata-se da sociedade oral. Tudo acontece em tempo real, existe apenas o tempo real. A linguagem está fora do corpo. Ela é produzida pelo corpo, mas é expressa, oralizada. Em um segundo momento, aprendemos a ler e a escrever e, portanto, internalizamos a linguagem. Essa é uma situação completamente distinta da anterior. E agora, com o seu celular e com o meu computador, ambos estamos interconectados de uma forma singular na história da humanidade. Isso é eletricidade carregando linguagem. A eletricidade passou a carregar linguagem a partir do telégrafo, o que significa a maior velocidade

de multiplicada pela máxima complexidade, considerando que a linguagem é infinidade. Tecnologia associada à eletricidade quer dizer instantaneidade. Portanto, não se trata mais da linguagem escrita nem mesmo da sociedade oral em que o corpo, por si só, carregava a linguagem.

**Renata Malta** – Portanto, o que realmente importa é o modo como a tecnologia dá forma à linguagem?

**Kerckhove** – Exatamente. A maneira como a tecnologia dá forma à linguagem é a questão. Meu corpo é uma tecnologia que produz linguagem. Certo?

**Renata Malta** – Isso quer dizer que o uso da tecnologia não possui um papel importante?

**Kerckhove** – Essa é outra história, as diferenças de uso existem, mas não representam uma questão tão relevante. Fundamentalmente, a televisão, que é meio de comunicação de massa, e a internet, que é um meio que possibilita relacionamentos interpessoais, apresentam propostas distintas. Mas eu insisto que, a meu ver, não faz sentido se a linguagem não estiver envolvida.

**Renata Malta** – O senhor poderia definir melhor o seu entendimento acerca de linguagem?

**Kerckhove** – Linguagem é um conceito muito mais amplo do que uma série de palavras. Linguagem é também um modo sensorial, todo o nosso corpo está envolto à linguagem. A questão é, eu não penso que andar de bicicleta é uma psicotecnologia. Eu tenho certeza que para desempenhar essa ação é preciso um corpo inteligente, equilíbrio, mas ela não envolve linguagem, portanto, não é uma psicotecnologia. É por isso que eu afirmo: voltemos à linguagem porque



ela tem uma relação muito íntima com a pessoa, o usuário, ela trabalha com o sistema nervoso.

**Renata Malta** – Tudo bem, uma bicicleta não se configura como psicotecnologia porque não envolve linguagem, mas e as roupas que vestimos não são uma forma de linguagem? Elas não conectam?

**Kerckhove** – Certamente elas conectam, mas eu não vejo uma vestimenta suficientemente articulada e complexa para ser linguagem como um sistema estruturado. Eu sei que uma pessoa, especialmente uma mulher, pode passar a vida toda pensando em nada além do que o que vai vestir e sua vida pode ser definida a partir da aparência, sendo acusada de narcisista. Além de todas essas coisas que você pode me dizer sobre como a roupa expressa uma personalidade. Porém, eu não sei exatamente até que ponto a roupa possui o mesmo poder de transformar a sociedade como a linguagem estabelecida por uma ou outra tecnologia. Contudo, eu acho a sua observação interessante porque, de fato, eu gostaria de refletir sobre a linguagem como expressão, a qual cria novos tipos de ambientes e, sem dúvida, a roupa se encaixa nessa perspectiva.

**Renata Malta** – Bem, mas retomando a sua linha de pensamento, qual o potencial de uma tecnologia modificar os tipos de linguagem?

**Kerckhove** – Um potencial enorme. Um exemplo bastante significativo é o fato de que apenas depois de um período após as pessoas terem aprendido a ler, elas passaram a ler silenciosamente. A primeira evidência desse fenômeno ocorreu com São Ambrosio, ao ler de forma silenciosa e assombrar as pessoas.

Existem registros de pessoas olhando fixamente para ele enquanto ele lia um livro e, aterrorizadas, observavam que o Santo movia os lábios sem produzir qualquer som. Elas pensavam que ele estava possuído por um demônio.

**Renata Malta** – Interessante. Mas o que muda na sociedade quando as pessoas passaram a ler silenciosamente?

**Kerckhove** – Elas repentinamente transformaram a linguagem em algo próprio, elas tomaram posse da linguagem. Enquanto a linguagem estava fora do corpo ela exercia um poder enorme sobre as pessoas, o chefe, o pai, a mãe, a tribo, todos exerciam esse poder. A autoridade era afirmada e reafirmada por meio da fala. Mas assim que a linguagem foi internalizada, a história mudou. As pessoas tomaram o destino para si, elas se apoderaram dele, passam a ter privacidade, encontraram outras maneiras de organizar a informação as quais não dependem da voz do outro, de uma autoridade.

**Renata Malta** – Falamos do potencial que a tecnologia possui em transformar linguagens e, consequentemente, a sociedade. O senhor acredita que essas transformações são positivas, ou seja, se ganhamos mais do que perdemos nesse processo?

**Kerckhove** – Tecnologia pode se tornar pura tirania. Ela controla você, o seu tempo, o seu cérebro. Isso não pode ser positivo. Quanto mais coisas um aparelho é capaz de fazer, menos as pessoas precisam fazer, entende? McLuhan diria que essas são máquinas do demônio. McLuhan sabia que seria crucificado se declarasse publicamente sua opinião sobre Religião,

mas uma coisa com certeza ele deixou claro, que a Mídia era a personificação de Lucifer.

**Renata Malta** – Eu poderia dizer então que ao não adquirir um celular com acesso à internet móvel e câmera, o que é meu caso, estaria me protegendo?

**Kerckhove** – Sem dúvida! Eu, por exemplo, escolho não me conectar ao Twitter. Eu tenho 2500 amigos no Facebook, mas eu evito usá-lo. Estou me protegendo, não tenho tempo para isso.

**Renata Malta** – Essas são formas individuais de lutar contra a dependência tecnológica, mas em um nível coletivo, podemos evitar essa tirania?

**Kerckhove** – Esqueça! Vamos encarar a realidade. Nós tivemos que lidar com duzentos anos de guerras religiosas após a invenção da imprensa. As pessoas negaram essa relação por muito tempo até que Aizenstein escreveu um ótimo livro sobre o tema e ele estava absolutamente certo, a imprensa está associada às guerras religiosas. A cultura baseada na comunidade repentinamente se converteu em uma cultura baseada no individualismo. O poder estava nas mãos da comunidade religiosa e o abuso de poder era evidente. Eles eram os *Berlusconis* de hoje. Claro que não era possível prever que a invenção da imprensa mudaria o caminho trilhado pela sociedade da forma que o fez.

**Renata Malta** – Retomando as mudanças sociais impulsionadas pela tecnologia, recentemente os brasileiros foram surpreendidos com os protestos contra o Estado nos quais milhares de pessoas tomaram as ruas. Tudo começou contra os 20 centavos de rea-

juste no transporte público e culminou com uma série de reivindicações. A importância das mídias sociais nesse processo é inegável. Assim, a próxima pergunta é sobre democracia, o senhor acredita que a tecnologia de hoje permite ou facilita movimentos sociais democráticos?

**Kerckhove** – Que facilita movimentos sociais, com certeza, agora se eles são democráticos é uma outra história. Podemos descrever o papel do Facebook na Tunísia, podemos explicitar a importância do Twitter mesmo durante o período em que a internet foi censurada e deixou de funcionar no Egito, assim como nas últimas eleições de Ahmadinejad. Eu posso dizer ainda, esqueça o Twitter, Ayatollah Khomeini, responsável pela revolução iraniana contra o Shah foi bem sucedido em elevar a população nas indústrias utilizando o “Moeising”, a voz do canto de uma oração amplificada por meio da eletricidade. Essa voz se propagou por um sistema eletrônico por toda a cidade, gerando um efeito muito parecido ao ocorrido durante a segunda guerra mundial, quando Hitler fez uso do rádio para espalhar a ideologia nazista. Não podemos duvidar disso, todos esses sistemas são verdadeiramente capazes de criar um envolvimento entre as pessoas, no entanto, o problema com a atual tecnologia é que aquilo que nós aparentemente expressamos sem censura, livremente, é registrado e pode ser usado contra nós, e isso não é democrático.

**Renata Malta** – O senhor está falando sobre a denúncia de Edward Snowden, por exemplo?

**Kerckhove** – Estou falando sobre Edward Snowden, evidentemente, mas também sobre o WikiLeaks. WikiLeaks foi o sinal do início da transparência nos negó-

cios. O que eu penso, particularmente, é que no futuro tudo será mais transparente, incluindo o governo.

**Renata Malta** – Ou seja, não se trata de algo pontual, da denúncia de que o os Estados Unidos espiava o governo brasileiro e os negócios da Petrobrás, entre tantos outros pelo globo?

**Kerckhove** – Canadá também. O Canadá se comportou muito mal. Eu me envergonho disso, sendo um representante desse país no Brasil. Gostaria de me desculpar em nome do Canadá. Mas a questão é que nós pudemos identificar que o Canadá agiu dessa forma, e também podemos, no futuro, averiguar o Brasil fazendo o mesmo. Snowden revelou uma série de informações que nós já sabíamos, mas a diferença é que agora existem evidências claras e irrefutáveis, as quais demonstram que cada um de nós está sob vigilância. O que Snowden fez foi muito mais severo do que WikiLeaks, trata-se de um passo em direção à transparência nos negócios. Eu acredito que o fato de sermos espiados é extremamente relevante. Eu tenho uma história incrível ocorrida no Canadá para contar, intitulada “VickiLeaks”.

**Renata Malta** – “VickiLeaks”? Por que esse nome?

**Kerckhove** – Porque o Ministro responsável pelo Ministério do Interior no Canadá se chama Vitor e “Vicki” é o apelido carinhoso dado às pessoas que possuem esse nome. Então, esse ministro propôs ao parlamento que deveria haver uma lei que permitisse à polícia canadense, prioritariamente o departamento de inteligência, invadir os computadores do cidadão comum sem um mandado que a autorize. Entende a gravidade disso? Eu estou em meu escritório em Ottawa e

um representante da polícia canadense simplesmente leva o meu computador para conferir se há algo ilícito nele sem que um juiz tenha permitido. É o mesmo que invadir a minha casa sem mandado, inconstitucional. Claro que Harper (primeiro ministro do Canadá) como conservador viu essa possível lei com bons olhos e se posicionou como positivo a ela. E sabe por que ela não foi aprovada? Porque as pessoas lá fora não deixaram. Saíram às ruas para protestar, como os brasileiros fizeram. De fato, a primeira reação do governo foi não se importar para o que o cidadão manifestava. Estavam dizendo com atitudes e não com palavras: "bando de idiotas, vocês já votaram em nós, então nós não damos a mínima para o que vocês pensam". Você sabe o que é "Anonymous"?

**Renata Malta** – O grupo de ativistas?

**Kerckhove** – Sim, eles saíram às ruas vestindo máscaras dizendo: "bem, vocês querem invadir nossos computadores? Ok, mas nós também invadimos os de vocês. Foi aí que alguns hackers invadiram o computador pessoal de Victor (o ministro que sugeriu a lei ao parlamento) e publicaram no Facebook três meses de conversas pessoais bastante grosseiras entre ele, a sua mulher e advogados que negociavam o divórcio do casal.

**Renata Malta** – A vida pessoal de um ministro foi exposta como forma de protesto, incrível!

**Kerckhove** – Esse foi um lindo momento! É por isso que o caso recebeu o nome de "VickiLeaks".

**Renata Malta** – Interessante, muito emblemático. Então, existe alguma solução? Quero dizer, para encontrar

uma forma em que a tecnologia de fato promova democracia, sem censuras, e ao mesmo tempo, de modo que não sejamos vítimas de um sistema vigilante?

**Kerckhove** – Não há solução para isso. O que acontece é que existe um sentimento emergente de auto-organização. Pense na história da internet, ela foi criada por todos os tipos de pessoas e com propósitos plurais. Havia os militares, os universitários, ela foi feita por todos. Ela se autorregulamenta a partir de uma lógica social. Quando existe imposição, perde-se a essência do meio. A Transparência transformará o poder em todas as partes do globo e o dinheiro se tornará muito mais cristalino. Tráfico de mulheres, pornografia, drogas, o que ilícito no mundo real depende de sigilo, e sigilo não vai mais fazer parte do jogo. A bíblia diz que tudo será revisto, esse é o caminho. Isso muda a relação de poder, de necessidades e valores. Uma vez propus que, já que o Papa é Santo, ele não possui nada a esconder, portanto, ele deveria ter uma webcam no seu quarto.